

Identidade no discurso: aspectos constituintes em professores de matemática

Identity in speech: constituent aspects in mathematics teachers

Nayra da Cunha Rossy Santos¹

Tadeu Oliver Gonçalves²

Mauro Guterres Barbosa³

Resumo

O presente artigo tem por objetivo identificar aspectos identitários presentes no discurso de professores de matemática que atuam na rede pública da educação básica. Para tanto, a pesquisa consistiu na realização de entrevistas com 3 professores, que foram registradas e transcritas em áudios para análise. Pois, é instrumento de coleta utilizada como registro transcrito dos áudios das entrevistas, integralmente. Os resultados encontrados apontam que professores da rede pública da educação básica possuem uma identidade situada no ponto de equilíbrio entre as ações planejadas e executadas em sala de aula, representando uma mediação entre a objetividade e a subjetividade.

Palavras chave: identidade docente; professores de matemática; subjetividade.

Abstract

This research paper aims to identify the aspects of identity that are present in the discourse employed by math teachers in the public school system. Researchers interviewed three teachers and recorded data on audio, which were then turned into transcriptions. The interviews, taken in their entirety, were used as the basis for this research. Results show that the identity of teachers in the public school system is found at the intersection of their planned actions with the actions actually executed in the classroom, thus representing a compromise between objectivity and subjectivity.

Keywords: teaching identity; mathematics teachers; subjectivity.

¹ Secretaria de Educação do Estado do Pará | nayrabaker@hotmail.com

² Universidade Federal do Pará | tadeuoliver@yahoo.com.br

³ Universidade Estadual do Maranhão | maurobarbosa@professor.uema.br

Introdução

A Identidade docente é um assunto que tem sido relevante em discussões na comunidade científica. O interesse crescente de pesquisadores pelo tema se dá efetivamente pelas possíveis contribuições que o estudo sobre identidade confere ao ambiente escolar, pois permite o surgimento de reflexões acerca do aperfeiçoamento das práticas docentes, que possuem a finalidade de melhorar o processo de ensino no contexto da educação básica.

Ainda que se apresente com muitas divergências e complexidades, discutir identidade docente pode representar uma alternativa para reflexão sobre os baixos índices encontrados nas avaliações da educação básica no país. Nesse sentido, compreender quais as variáveis que podem influenciar ou, até mesmo, decidir as práticas dos professores, nos permite traçar planos de ação para minimizar algumas problemáticas. Além disso, as contribuições para a formação de professores também podem ser significativas, o que também pode acarretar benefícios para a educação básica.

Tendo em vista as ideias mencionadas anteriormente, tanto sobre a problemática da educação básica (especialmente pública) vivida em nosso país, quanto o recrudescimento do conceito de identidade para a filosofia e sociologia, objetivaremos criar uma epistemologia que permita realizar uma pesquisa que aponte encaminhamentos nessa direção.

Dessa maneira, o presente artigo tem a proposta de identificar aspectos identitários presentes no discurso de professores de matemática que atuam na rede pública da educação básica, utilizando como ferramenta de coleta de dados, entrevistas registradas em áudio, posteriormente transcritas com 3 professores da escola pública no Brasil.

Identidade

Da Filosofia Clássica à contemporaneidade, a subjetividade emergiu de maneira gradativa nas reflexões e constituição da ciência, adquirindo rigor epistemológico. Alguns filósofos e sociólogos impulsionaram esse movimento, acreditando que aspectos subjetivos são determinantes direta e indiretamente nas ações dos indivíduos no entendimento sobre si mesmos, e nas relações com o outro.

Auguste Comte, fundador do Positivismo, entendia que o único conhecimento válido é o conhecimento científico. O autor francês representa um marco importante, pois funda a sociologia, ciência que tem por finalidade atribuir objetividade àquilo que é subjetivo e defende que se deve usar o método científico para estudar a sociedade. Sendo assim, a identidade também passa a ser tema da sociologia.

A partir desse momento, sociólogos avigoraram a discussão acerca do tema de identidade, baseados em variados contextos e demandas. Bourdieu (2014), por exemplo, com o conceito de *habitus*, trouxe inúmeras contribuições para a compreensão da noção de identidade, uma vez que os associa diretamente. Bauman (2001), com o conceito de *modernidade líquida*, assevera a fluidez das coisas, direciona para o meio científico um entendimento sobre o mundo e as sociedades. Ele também afirma essa questão para a temporalidade e a cultura, expondo a mudança constante que o ser humano passa na construção das relações consigo mesmo, e com o outro. Por último, mas não menos importante, entendemos que as ideias de Dubar (2009) são fundamentais para a edificação

da conceituação de identidade que se pretende definir para o encaminhamento deste trabalho. São considerações que levam em conta aspectos familiares, políticos, simbólicos e profissionais como constitutivos da identidade no indivíduo. O autor entende o conceito de identidade como complexo, marcado por aspectos contingentes, mutáveis, temporais e pessoais. Assim, a perspectiva sociológica que considerada

(...) a identidade não é mais do que o resultado simultaneamente estável e provisório, individual e colectivo, subjectivo e objectivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, em conjunto, constroem os indivíduos e definem as instituições (DUBAR 1997, p.105).

Como nosso principal objetivo é identificar aspectos constitutivos da identidade docente do professor de matemática da educação básica, entendemos que uma breve articulação das ideias dos três autores citados anteriormente é necessária para uma construção epistemológica suficiente para o presente trabalho.

Para Bourdieu (2014), o conceito de *habitus* está associado ao “agir sem pensar”, ou repentinamente. É formado por um sistema de percepção e de ação que estão ligados a uma situação. O autor foge da ideia de oposição entre objetividade e subjetividade, acreditando que o *habitus* não só transcende essa ideia, mas se coloca como mediador entre tais elementos.

Segundo Wacquant (2007), o *habitus* em Bourdieu é social, transferível e durável. Social porque pode variar de acordo com o tempo, lugar, dentre outros fatores. Transferível a vários domínios de prática e durável por não ser estático, nem eterno. Mas possui um caráter de efemeridade e contingência. Nesse sentido, dois princípios são fornecidos pelo autor: de *sociação* e de *individuação*. O primeiro garante que nossas categorias de ação sejam partilhadas por todos os indivíduos que foram submetidos a condições sociais similares à nossa e o segundo está associado ao fato de que cada trajetória individual de uma pessoa possui uma localização única no mundo, traçando, assim, uma somatória incomparável, e peculiar de experiências. O entendimento sobre essas concepções explica a mediação existente entre objetividade e subjetividade determinando o conceito de *habitus*.

Bauman (2005) entende que tanto a identidade quanto o “pertencimento” não são sólidos como uma rocha. São mutáveis e negociáveis, dependendo das decisões que o indivíduo toma, e dos caminhos que percorre. Essa compreensão é herança da filosofia clássica que está fundamentada na máxima de Heráclito de Éfeso sobre “não poder se tomar banho duas vezes no mesmo rio”, dada a constante mutação humana. Com efeito, nota-se que essa transformação depende das situações as quais o indivíduo se submete e das experiências que vivencia nelas. Bauman (2005) reforça, portanto, a característica relacional e biográfica da identidade.

Nesse âmbito, algumas aproximações com as ideias de Bourdieu tornam-se possíveis. Além dos aspectos biográficos destacados para a constituição da identidade do indivíduo, observamos que o entendimento sobre este como sendo uma somatória de sujeitos, onde cada um deles possui uma identidade é, sem dúvida, uma articulação possível com as ideias bourdieunianas a respeito do tema. Sobre isso, Bauman (2005) afirma:

As ‘identidades’ flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente (BAUMAN, 2005, p. 19).

Considerando o contexto apresentado a partir das ideias de Bourdieu e Bauman, é possível refletir sobre as possibilidades de diálogo com Dubar (2009), uma vez que este autor também traz a discussão sobre identidade e pertencimento, destacando a complexidade do conceito de identidade.

Claude Dubar (2009) desenvolveu estudos acerca da identidade com enfoque sociológico e ênfase nas identidades profissionais. No entanto, como pontuamos anteriormente, considera que a identidade de um indivíduo é constituída por vários aspectos, a saber: religiosos, profissionais, familiares, sexuais, políticos, etc.

Considerar um grupo dotado de mesmas características ou que compartilhem, por algum motivo, as mesmas experiências, sejam elas profissionais, culturais, locais, pessoais, é começar a caracterizar sua identidade a partir das propriedades que os indivíduos possuem em comum, que geralmente configura a unidade do grupo. No caso dos professores, temos a unidade de um grupo de partilha de contextos parecidos, que estabelecem a mesma linguagem, demandas e constituem um grupo identitário que carece de estudos para sua caracterização. É o que nos propomos a fazer a seguir, considerando as entrevistas realizadas com professores pertencentes a um grupo de características semelhantes.

No entanto, para que as compreensões acerca da análise das entrevistas realizadas se tornem claras, é necessário abrir um panorama que parte das ideias sociológicas discutidas até aqui sobre o conceito de identidade, para alinhá-lo a conceituação identitária docente. Em outras palavras, fez-se necessário compreender como essas noções são caracterizadas no mesmo campo conceitual, levando em conta suas diferenciações.

Identidade docente

Considerando os aspectos contingentes e a complexidade que estruturam o conceito de identidade que foi construído historicamente a partir de uma perspectiva sociológica, torna-se possível compreender os rumos acerca da identidade em um viés mais específico no âmbito da docência. Com base nessa reflexão, faremos um breve levantamento na literatura da área para buscar compreender de que maneira este conceito está posto na comunidade científica e como se configura a identidade docente a partir dos estudos relacionados à formação de professores.

Oliveira e Gomes (2004) entendem que a identidade profissional do professor se constrói a partir de um sentimento de pertencimento. A comunidade de professores se caracteriza a partir das práticas sociais do sujeito, e pela articulação das esferas do conhecimento, das normas e dos valores profissionais dos saberes pedagógicos. Para esses autores, a identidade está associada ao que defendia Dubar em um aspecto mais geral, isto é, em estágios de constituição identitária do homem. Por esse motivo, compreende-se que o pertencimento é uma das manifestações mais primitivas da identidade. Portanto, no campo profissional não há de ser diferente.

Faria e Souza (2011) buscaram entender de que maneira o conceito de identidade tem sido apropriado nas pesquisas sobre formação de professores e como contribui para o processo de constituição identitária docente. Em consonância com o que já foi discutido sobre o tema, os autores defendem que a identidade é uma categoria da Psicologia Social, tomando como base Ciampa (1987), que a entende como uma metamorfose, ou seja, a partir da temporalidade e dependência de aspectos externos ao indivíduo. Devido a isso, articula igualdade e diferença à medida que tais fatores representam uma composição de

aspectos internos, e externos ao indivíduo, ou ainda, dos fatores *a priori* com os fatores *a posteriori*. Em outras palavras, a metamorfose se dá a partir da concepção identitária pressuposta que é repostada pelos ritos sociais. Por conseguinte, essa reposição representa a superação da identidade pressuposta.

No que tange à discussão sobre a identidade profissional de professores, esta é entendida como um permanente processo de construção. Há autores que defendem que a identidade profissional se constitui no processo de formação inicial, sobretudo nos momentos de estágio ou quaisquer outros tipos de contatos desse profissional em formação com seu futuro ambiente de trabalho, como afirma Freitas (2006).

Pandolpho (2006) merece destaque acerca dessa problemática, pois defende a ideia de que compreender a identidade profissional do professor requer análise sobre os aspectos identitários construídos e reconstruídos no decorrer de todo o processo de profissionalização, desde a escolha da profissão por parte do sujeito. Esta ideia corrobora com o caráter complexo e contingente do conceito de identidade que viemos discutindo, e reforça as discussões sobre o longo caminho que ainda deve ser percorrido para então chegar às conclusões da presente pesquisa.

Vieira (2009) aborda, ainda, mais um aspecto que possivelmente exerce influência sobre a constituição da identidade profissional do professor: a dimensão espiritual. A autora considera que a espiritualidade é um fator central nas dimensões profissionais de um professor, uma vez que revela o sentido de vida que ele tem e que, inevitavelmente, o transfere para seus alunos na convivência. Desse modo, a manifestação da dimensão da espiritualidade do professor afetará, também, a identidade da escola, no sentido da caracterização das relações estabelecidas nela.

É importante considerar que os diversos autores referidos nesta seção do texto entendem a constituição da identidade profissional a partir de variadas perspectivas. Contudo, o que se percebe é que há uma unidade de pensamento que diz respeito a uma característica: a identidade como processo. É consensual que a individualidade não se constitui repentinamente, nem permanece a mesma a partir do momento em que passa por essa transformação. Desta maneira, a constituição da identidade de um indivíduo é fruto de uma série de situações e acontecimentos, que dependem, ou não, de suas próprias decisões, "*como construcción dinámica, resultado de un proceso de socialización biográfico y relacional, más o menos estable, ligado al contexto en que se inscribe*" (BOLIVAR, 2006, p. 45).

O que consideramos importante compreender nesse texto é que, dada a complexidade da vida de um indivíduo, é necessário elencar os principais aspectos determinantes para a constituição da identidade profissional. Pois com os indivíduos pertencentes a comunidades profissionais de características similares – que é o caso dos sujeitos dessa pesquisa – torna-se possível aproximar experiências e encontrar aspectos identitários mais fortes, e comuns a eles.

Tendo em vista as ideias e conceitos articulados até aqui, consideramos ter edificado uma epistemologia suficiente para dar conta das discussões seguintes, de abordagem específica sobre o tema proposto, viabilizando um posterior método para análise de dados que norteiem o pensamento construído para a pesquisa. Desta maneira, utilizamos tais ideias para encaminhar o método a ser utilizado no trabalho, alinhando-o com a filosofia e a epistemologia já discutidas.

Encaminhamentos metodológicos das entrevistas realizadas

A constituição metodológica desta pesquisa se deu a partir da realização de entrevistas com três professores. Todos com o seguinte perfil: atuam na rede pública de ensino, lecionando matemática para alunos da educação básica nos ensinos fundamental e médio. Os sujeitos possuem a formação inicial pela mesma instituição, licenciados em matemática por uma Universidade pública estadual, isto é, fator que os aproxima em relação a entrevista.

As entrevistas foram concedidas pelos professores virtualmente. E em seguida realizados os registros integrais dos áudios das entrevistas, que foram imediatamente transcritos para posterior análise. Cada uma das entrevistas se baseou em uma única pergunta: “Por que você ensina matemática do jeito que você ensina?”. Propositamente aberta, a pergunta (e a entrevistadora) sugeria aos professores que refletissem sobre todos os possíveis aspectos e motivos que levaram aquele professor a ensinar da forma como ensina. Por se tratar de uma pergunta não tão simples de ser respondida, porém, que solicitava uma resposta espontânea, ressaltamos a importância de valorizar esse aspecto em consonância com as ideias de Bourdieu discutidas anteriormente nesse texto, onde o *habitus* está associado à identidade.

Traçar um perfil identitário a partir da análise das entrevistas desses três professores não fora uma tarefa fácil. Por isso, foram selecionados com características similares, de formação e atuação, estabelecendo uma condução de entrevista que os levassem a refletir, e agir espontaneamente, no intuito de identificar os aspectos identitários aos quais nos referimos no início do trabalho. Conforme exposto anteriormente, as entrevistas partiram de uma pergunta inicial. Em um dos casos, houve necessidade de intervenção, dialogando com o professor entrevistado e conduzindo uma espécie de conversa, o que já era previsto, e possível de acontecer.

Das entrevistas realizadas

As entrevistas realizadas com os professores de nomes fictícios Pedro, Tiago e Renato apontaram alguns aspectos interessantes que reforçam o que a literatura da área coloca acerca do tema. Para entender de forma ampla o que foi colocado por cada professor, optamos por subdividir esta seção com a entrevista de cada um, para posteriormente articular aproximações e distanciamentos a respeito do que fora colocado. Assim, devido a essa articulação, foi possível identificar aspectos identitários presentes no discurso dos sujeitos.

Entrevista 1 – Professor Pedro

Ao perguntar para Pedro, “Por que você ensina matemática do jeito que você ensina?”, o professor inicia seu discurso trazendo memórias de sua vida estudantil. Faz referências a seus antigos professores e, basicamente, os categorizou como “enrolões” (aqueles que sabiam o assunto, mas não sabiam “dar aula”) ou “didáticos” (aqueles cujas aulas se tornavam mais prazerosas), e a maneira como ele, enquanto aluno, precisava se acostumar a isso.

O professor Pedro entende que há duas formas de “dar aula”: “tradicionais” e “modernas” e, em seguida, se questiona sobre onde ele se encontra neste debate, concluindo que está no “meio termo”. Isso ocorre, segundo ele, devido a alguns fatores, por

exemplo: considera que na escola pública não há uma estrutura física ou materiais disponíveis para se desenvolver métodos modernos de ensino. Ou seja, a falta de recursos na escola pública básica é um fator determinante para as práticas profissionais desse professor. Além disso, os métodos ditos tradicionais não perdem totalmente seu mérito; considera algumas alternativas tradicionais como perfeitamente possíveis, defendendo que é um método que persiste há muito tempo no meio escolar. Por isso tece o seguinte comentário:

Eu costumo escrever muito em sala de aula, escrever muito no quadro. E meus alunos até reclamam disso mesmo. Mas por que que eu faço isso? Por que que eu vou lá pro quadro e escrevo bastante enquanto eu poderia estar mostrando um vídeo [...]? Eu dou aula no quadro porque muitos tem dificuldade de ler e escrever. Eles estão no 6º ano e no 7º ano, [...] e têm muita dificuldade de ler e escrever. E aí como é que eu vou fazer com que eles melhorem em matemática, que eles agucem a criatividade deles, que eles pensem em certas situações hipotéticas, se eles têm dificuldade de interpretação? [...] Eles têm dificuldade da escrita e de leitura. Então eu forço eles a escrever, sim, forço eles a ler também, sim. Porque é muito importante pro ensino isso. Então, esse é meu ponto tradicional, vamos dizer assim. (Professor Pedro, entrevista)

Em contrapartida, defende que também utiliza de métodos ditos “modernos”, que podem despertar o interesse dos alunos. No entanto, há algumas limitações. O professor relatou ter dificuldades em inserir atividades diferenciadas (citando vídeos e utilizações de recursos de internet) no contexto das aulas, uma vez que os alunos não permanecem atentos por muito tempo àquela atividade.

Relatou outras dificuldades enfrentadas na sua prática, dentre elas, a falta de incentivo e participação dos pais na vida escolar dos filhos. Não há incentivo, segundo o professor, por parte dos pais, e isso reflete na atitude e na motivação das crianças com relação à escola, tornando mais difícil a atividade do professor, que se sente sobrecarregado também com a função de motivá-los sozinho.

Por conta disso, o professor organiza suas ações em sala de aula com base em objetivos específicos que precisam ser alcançados naquele momento de contato na sala de aula, já que desconsidera a possibilidade dos alunos reproduzirem algo em casa.

Outro ponto importante do relato do professor Pedro é a necessidade de se adaptar ao chamado “perfil” da turma. Há turmas pertencentes ao mesmo ano da educação básica, porém com respostas completamente diferentes a uma mesma demanda de ensino. Daí a necessidade de flexibilização de seu trabalho, o que também exige sensibilidade para notar isso e decidir suas ações diante de cada turma.

Essa sensibilidade, por muitas vezes, extrapola os limites do aprendizado curricular e passa por aspectos pessoais das partes envolvidas na estrutura educacional. Há uma motivação constante por parte do educador em fazer com que os alunos queiram estar ali e entendam a importância da escola para a possibilidade de melhoria de condições de vida. Além disso, reforça o discurso de que não é fácil ser professor e que, só consegue exercer a profissão aquele que de fato tiver gosto pelo ofício.

Entrevista 2 – Professor Tiago

O professor Tiago inicia sua fala indicando uma grande diferença na sua própria atuação quando está em sala de aula no ensino fundamental e quando está no ensino médio. Relata que nas turmas do ensino médio há um “feedback” bem maior em relação ao seu trabalho. Ele sente que os alunos são motivados, por isso fica “mais à vontade” e seu trabalho se torna muito mais prazeroso por conta disso. Suas ações são motivadas pelo seu compromisso em ensinar matemática para os alunos de uma maneira que consigam levar para “a vida cotidiana deles” e, ainda assim, pensar na prova do ENEM.

Em contrapartida, na escola que o professor Tiago leciona para turmas do ensino fundamental, a realidade se apresenta de maneira diferente. O professor é assertivo ao afirmar que “eles não querem aprender” e que isso gera uma necessidade de modificar toda a forma de ensinar. Descreve como “desgastante” esse conjunto de ações em sala de aula, principalmente porque há uma constante necessidade de conter os alunos, no sentido de quererem sair de sala de aula, correr, pular e brincar. Para o professor Tiago, essas atitudes desmotivam a criatividade na prática de ensino.

Sendo assim, o professor redefine suas ações de maneira mais objetiva. Estabelece objetivos específicos para aquela aula e tenta atingi-los o mais rápido possível, enquanto consegue atrair a atenção dos alunos, no intuito de fazê-los “fechar aquele ciclo”. Depois disso, há uma preocupação em contextualizar ou conversar sobre as possibilidades daquele conteúdo matemático se aproximar do cotidiano deles.

O professor também associa sua desmotivação à falta de estrutura física das escolas, e da necessidade de “gritar” para conseguir ser ouvido, uma vez que nas escolas públicas nas quais leciona as salas de aula não são fechadas, então o barulho externo incomoda e prejudica tanto sua concentração quanto dos jovens. Além disso, as salas não são climatizadas, principalmente no período da tarde, quando a temperatura sobe e fica desconfortável. Essa estrutura, segundo o professor, gera também um desgaste psicológico, pois é feita uma preparação para aquelas aulas, e elas não ocorrem como o esperado, os alunos não aprendem ou não querem prestar atenção no que está sendo colocado.

O docente relatou ter sentido, por várias vezes, vontade de desistir da profissão ou de ensinar para aqueles alunos e o que o faz lutar contra isso são alguns estudantes que mostram ter interesse e consciência da importância daquelas experiências educativas para suas vidas. Conforme o professor:

Então, tu percebe, assim, que mesmo com a dificuldade, tu consegues fazer com que uma semente seja plantada, com que sonhos sejam plantados e tal. Então isso, em meio a essa dificuldade, é algo motivador.
(Professor Tiago, entrevista)

O professor relatou, também, que possui um lado espiritual muito presente em sua vida pessoal, que conseqüentemente leva para sua vida profissional. Acredita que, de alguma forma, o viés religioso pode orientar os alunos, fazendo-os acreditar que é possível mudar de realidade, e para que não entreguem “os pontos”.

Entrevista 3 – Professor Renato

O professor Renato iniciou sua fala reconhecendo que, sem dúvidas, sua forma de ensinar matemática hoje é um reflexo da forma como foi ensinado por seus professores nos ensinos fundamental e médio. Admite que aqueles que lhe ensinaram matemática na escola

utilizaram de algumas metodologias que, segundo ele, “deram certo” e outras que “não deram certo”, tanto para ele quanto para outros alunos.

Outra influência importante relatada pelo professor sobre a maneira como ensina matemática foi o modo como aprendeu na formação inicial. Porém, nas palavras do professor:

Talvez o modo como eu ensine também seja reflexo daquilo que eu aprendi na faculdade, mas o que é mais forte, se eu fosse botar... é... fazer uma receita e o final fosse o modo como eu ensino, o ingrediente em maior quantidade seria a vivência em sala de aula. (Professor Renato, entrevista)

Sobre isso, o professor faz algumas considerações: a vivência em sala de aula o permitiu descobrir que as dificuldades dos alunos vão muito além das dificuldades matemáticas. E tais dificuldades foram o fator motivador para que reconhecesse a importância de modificar a forma como ensina. Com isso, passou a incluir nas suas práticas os objetivos relacionados à desmitificação da matemática, fazer com que os discentes percebam que a disciplina não é inacessível e é possível de ser aprendida. Nesse caso, estando alinhada à necessidade de fazê-los perceber, também, suas utilidades no sentido de inserção no mercado de trabalho no futuro e na aquisição de habilidades para resolver problemas.

Nesse sentido, as aulas do professor Renato são constantemente elaboradas para motivar os estudantes a aprenderem e a perceberem a importância da Matemática para a vida deles. O professor finaliza sua fala da seguinte maneira:

Mas, se eu ensino do modo como eu ensino é porque eu conheço o meu aluno, eu estudei o meu aluno, eu conheço o meu aluno e eu vou procurar a metodologia que mais se adequa às necessidades dele. [...] E é isso que me motiva a sair todos os dias do meu outro trabalho, atravessar a cidade pra ensinar matemática. (Professor Renato, entrevista)

A fala final deste sujeito revela que também considera necessária uma sensibilidade por parte dos professores no sentido de conhecer seus alunos e determinar ações pedagógicas a partir delas. Tendo descrito pontos principais das três entrevistas realizadas, partimos para uma análise mais criteriosa do discurso de cada um deles, buscando aproximações e distanciamentos no intuito de identificar aspectos identitários presentes.

Onde reside a identidade

Ao buscar aproximações e distanciamentos no discurso dos três professores entrevistados, observamos que estes dois fatores se correlacionam, pois estabelecem ciclos de relação interdependente entre um e outro. A primeira hipótese analisada reflete as experiências pessoais nas práticas profissionais desses professores. Ou seja, é um fator pessoal e subjetivo, peculiar a cada um deles, que os leva a tomarem atitudes. Sendo esse um fator determinante para suas práticas, os distanciamentos marcados pela subjetividade de cada profissional se configuram como uma aproximação, uma vez que representam fatores determinantes de suas práticas.

As ações de um professor em sala de aula podem ser analisadas a partir de diversas lentes. Bourdieu entende, conforme foi destacado anteriormente, que nossas ações repentinas são decididas pelo *habitus* e configuram nosso “agir sem pensar”. Podemos refletir que o professor acumule em sua prática uma variedade dessas ações, que caracterizarão sua identidade. A partir da ótica das ideias de Bourdieu, a identidade pode ser entendida como o conjunto das ações de um sujeito.

Levando em consideração os fatos mencionados, o que pode levar um professor a agir de determinada maneira em sala de aula? A pergunta realizada aos docentes entrevistados teve o objetivo de propor uma reflexão acerca de suas próprias práticas, de modo que nos fosse permitido identificar nos seus discursos alguns aspectos determinantes.

O que se percebeu de maneira marcante no discurso dos três educadores é que as ações por eles realizadas são determinadas, na maior parte das vezes, considerando as condições sociais, associadas a uma intencionalidade pedagógica e um objetivo específico. No caso do professor Renato, por exemplo, está claro em seu discurso que as ações que toma são determinadas a partir de uma análise sobre as condições as quais ele se submete enquanto professor. Somente depois de conhecer as necessidades do aluno (ou da turma em questão), que o professor relata desenvolver suas práticas. O relato do professor Pedro também reforça essa ideia, pois determina sua conduta a partir da necessidade reconhecida na turma.

O *habitus*, reconhecido por Wacquant (2007) como mediador entre a objetividade e a subjetividade, fica claramente observável no discurso dos professores entrevistados na medida que tentam a todo momento conciliar suas necessidades técnicas e específicas da ação do professor (como ministrar um conteúdo previsto no currículo), com as necessidades constantemente observadas no contingente microuniverso da sala de aula. Por conseguinte, essas exigências são materializadas segundo a ótica subjetiva de cada gestor de classe.

O processo de *individuação*, citado por Wacquant (2007), prevê que a trajetória individual traça para os sujeitos um acúmulo peculiar de experiências, que serão decisivas para as suas ações futuras, e os motivará a enxergar o mundo de forma mais ampla. O processo de *sociação*, nesse sentido, complementa a articulação de ideias, pois os professores entrevistados revelam partilhar condições sociais similares em sala de aula. Isso permite uma aproximação em suas formas de agir profissionalmente e os auxilia no entendimento dos aspectos sociais de seus alunos, o que é decisivo para as ações realizadas na sua prática docente.

A concepção de identidade profissional para Ciampa (1987) pode ser interpretada a partir de um ponto importante identificado no discurso dos professores entrevistados. Entendemos que os fatores *a priori* podem ser caracterizados como “o que o professor planeja fazer” no decorrer de uma aula – são fatores carregados de aspectos profissionais, relacionados à formação, currículo e projeto político-pedagógico da escola. E os fatores *a posteriori*, caracterizados por “aquilo que o professor faz” na sala de aula, considerando tanto seus objetivos pedagógicos, planejamento e fatores contingentes presentes. Nesse sentido, ele é capaz de perceber com base na análise subjetiva que realiza de sua turma, mudanças de atitude em relação às ações planejadas. A interpretação das ideias de Bourdieu sobre a temática identitária nos permite compreender que a identidade docente reside exatamente no ponto de equilíbrio entre as ações planejadas e executadas pelo professor, tendo em vista que representa a metamorfose entre a identidade pressuposta e reposta, ambas concepções associadas ao aspecto identitário.

Com efeito, a característica relacional e biográfica da identidade reforçada pela literatura apresentada nesse texto por Dubar (2009) e Bauman (2005) reitera que nossas decisões diante das situações profissionais são reflexo de nossas experiências profissionais, mas também pessoais. Esses autores dialogam com a ideia apresentada à medida que as ações do indivíduo dependem das situações às quais se submete e de suas experiências.

No campo da prática, consideramos importante ressaltar que há vários aspectos da vida do professor que podem estar relacionados às atitudes desenvolvidas em sala de aula. Os educadores entrevistados apontaram desde situações relacionadas às suas experiências enquanto alunos (memória escolar) até as experiências acumuladas ao longo de suas trajetórias profissionais (formativas e atuantes).

A formação inicial também é um fator trazido por Freitas (2006), notado na fala de um dos professores como determinante de suas práticas em sala de aula.

Há uma articulação, nesse contexto, da igualdade e da diferença, com base em uma composição dos fatores internos, e externos. Estes são referidos por Ciampa (1987) e reforçados por Faria e Souza (2011), na qual temos fatores *a priori* e *a posteriori*. Nessa perspectiva, a metamorfose se dá a partir da identidade pressuposta, que é reposta pelos ritos sociais, isto é, que são caracterizados como experiências.

A análise da entrevista dos professores Pedro e Renato nos permite levantar a bandeira de que a memória escolar pode ser um fator determinante para as práticas adotadas em sala de aula, sobretudo nos anos iniciais da atuação docente. Isso pode ser percebido na fala do professor Renato, por exemplo, ao afirmar que a forma como ele aprendeu matemática na vida escolar sem dúvida interfere na forma como leciona atualmente. Além disso, a vivência em sala de aula permite que o docente desenvolva sensibilidade suficiente para superar o que estava construído e com isso estabeleça novas atitudes.

Dos três professores entrevistados apenas um não tocou no assunto da memória escolar, no sentido de trazer suas lembranças de professores antigos que determinem ações na sua prática atualmente. Uma possibilidade que levantamos para isso ter acontecido está relacionada ao fato de o referido professor, dentre os três, ter cerca de 10 anos a mais que os outros dois de experiência como docente. Isto nos permite considerar que a cada período de experiência novas atitudes vão sendo constituídas, enquanto as antigas podem ser abandonadas ou modificadas.

A análise das falas dos entrevistados também reforça o que diz a literatura da área sobre a existência de fatores internos e externos que determinam as práticas dos professores.

Entendemos como possíveis fatores internos identificados como determinantes das práticas dos professores: a) a memória da vida escolar, discutida nos parágrafos anteriores; b) a dimensão espiritual (Vieira, 2009), claramente reforçada no discurso do professor Tiago, que devido ao seu envolvimento com o campo religioso acaba compartilhando algumas práticas com seus alunos, manifestando sua fé e buscando despertá-la neles de maneira a incentivá-los a superar às condições sociais precárias; c) há um comprometimento pessoal dos professores com os alunos.

Dentre os fatores externos identificados nas falas dos professores, destacamos: a) a estrutura física das escolas, que foi argumento marcante no discurso dos professores entrevistados como um fator desmotivador e que determina também novas práticas; b) a condição social dos alunos representa um fator de grande força na determinação das práticas dos professores. Muito embora seja um fator considerado externo, apresenta-se

como grande obstáculo para a execução de diversas práticas que poderiam ser consideradas motivadoras ou adequadas para os alunos em processo de aprendizagem; c) o salário também pode ser considerado um fator de relevância na determinação de algumas atividades. Ainda que não tenha sido tocado com frequência na fala dos entrevistados, um deles revela que é uma profissão para quem “gosta”, pois é repleta de obstáculos.

Todas as ideias analisadas até aqui nos permitem compreender que a identidade é um conceito complexo, assim como determinar aspectos que a constituem. No entanto, o encaminhamento das entrevistas nos apontou um direcionamento consensual entre os professores: os três agem em suas práticas pedagógicas impulsionados por uma motivação que vai além das justificativas pessoais e subjetivas, é um estímulo social. Isso pode ser facilmente identificado no discurso dos entrevistados, que argumentam possuírem preocupação em ensinar matemática para que o aluno a possa “levá-la para a vida” ou prepará-los para “o mercado de trabalho” e “aplicá-las no cotidiano”. Além do mais, afirmam que o conhecimento acerca da disciplina pode auxiliar os estudantes a “mudar de vida” e “não entregarem os pontos”. Todas essas frases revelam atitudes por parte dos professores que buscam despertar nos estudantes a possibilidade de ascensão pessoal e social em meio ao ensino da matemática.

Apontamentos futuros

A construção epistemológica realizada neste artigo nos permitiu abrir caminhos para o esclarecimento tanto sobre o conceito de identidade, quanto sobre possíveis indícios de aspectos constitutivos identitários dos professores que atuam na educação básica da escola pública no Brasil.

Com base em tais discussões, entende-se que o conceito de identidade docente está associado diretamente ao conjunto fatores que determinam as práticas e tomadas de decisões de um indivíduo na atuação profissional. Nossas reflexões apontam que os professores da educação básica da rede pública possuem uma identidade constituída por memórias, fatores externos (dentre eles, estruturas das escolas, condição social dos alunos, salários, etc.) e internos (dimensão espiritual, comprometimento pessoal) ao indivíduo. Consensualmente, os professores entrevistados indicaram que suas práticas também são determinadas por impulsos relacionados diretamente a uma motivação social.

O presente estudo se caracteriza, nesse sentido, como uma micro representação de uma identidade reconhecidamente complexa: o aspecto identitário docente. No entanto, os indícios apresentados na análise do discurso dos professores convergem para o entendimento sobre a necessidade de serem realizados estudos e discussões acerca desse tema no país e no mundo. Tendo entendido que o assunto é reflexo da realidade objetiva e subjetiva que permeia o indivíduo, é importante considerar que cada grupo cujas condições sociais sejam similares, apresentará características identitárias próximas.

Muito embora a subjetividade presente na caracterização da identidade diga respeito apenas às experiências individuais e peculiares de cada sujeito envolvido, é importante ressaltar que discutir identidade requer o entendimento da complexidade do termo, e o reconhecimento de que ela é, ao mesmo tempo, singular e plural.

Referências

- ARISTÓTELES. *Metafísica: livro I e livro II*. São Paulo: Abril S.A. Cultura, 1984.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 7ª edição – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- DUBAR, Claude. *A Crise das identidades*. Edusp. São Paulo, 2009.
- DUBAR, Claude. *A Socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Porto: Porto Editora, 1997.
- FARIA, Ederson de., SOUZA, Vera Lúcia Trevisan. Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*. v. 15, n. 1, p. 35-42, 2011.
- OLIVEIRA, C. A. V. de, GOMES, A. A. Apontamentos sobre o conceito de identidade profissional de professores. *Série-estudos – Periódico do Mestrado em Educação da UCDB*, n. 18, p. 193-202, 2004.
- FREITAS, F. L. *A constituição da identidade docente: discutindo a prática no processo de formação*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2006.
- PANDOLPHO, M. M. S. *Ensino de biologia em questão: os valores e as referências da graduação na prática docente sob o olhar de egressos*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. São Paulo, 2006.
- VIEIRA, M. M. S. *Tornar-se professor em uma escola confessional: um estudo sobre a constituição identitária na perspectiva da dimensão da espiritualidade*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2009.
- WACQUANT, Lioc. Esclarecer o Habitus. *Educação e Linguagem*, n. 16, 2007.